

O empreendedorismo da Pessoa com Deficiência: o estudo do caso Bellatucci Café

Raquel Campos Quintão
Vitória Gonçalves Machado
Stela Cristina Hott Corrêa
Kascilene Gonçalves Machado
Alcielis De Paula Neto

Resumo: Pessoas com deficiência (PcD) encontram barreiras no mercado de trabalho formal, como o estigma social e a ausência de acessibilidade, que dificultam a obtenção da sua autonomia e inclusão social. Neste sentido, o empreendedorismo é uma alternativa que possibilita à PcD alcançar sua independência econômica e ambientes de trabalho mais adaptados às suas necessidades. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como as competências pessoais, sistemas de suporte externos e motivação interagem para viabilizar o empreendedorismo da PcD. A pesquisa tem abordagem qualitativa baseada em estudo de caso único descritivo do Bellatucci Café, cafeteria dirigida por uma mulher com Síndrome de Down. Os resultados mostram que o empreendimento foi organizado através de uma arquitetura complexa integrando as competências e motivações pessoais da empreendedora com sistemas robustos de suporte. O sucesso do negócio dependeu da sua capacidade de mobilizar recursos familiares, sociais e institucionais em rede multifacetada. Conclui-se que o empreendedorismo da PcD transcende negócios tradicionais, combinando objetivos lucrativos com transformação social. A deficiência transforma-se em vantagem competitiva, que aliada ao capital social familiar, cria diferenciação via inclusão social e empoderamento individual e coletivo.

Palavras-Chave: Pessoa com Deficiência; empreendedorismo; capital social familiar; organização híbrida inclusiva.

1. Introdução

Desde 1991, a Lei no. 8.213 vem garantindo e regulamentando a presença da pessoa com deficiência (PcD) no mercado de trabalho brasileiro (Brasil, 1991). Contudo, após mais de três décadas, constata-se ainda a dificuldade da PcD de conseguir colocação profissional. A timidez dos gestores no cumprimento da lei revela preconceito nos processos seletivos e desconhecimento das peculiaridades das pessoas com deficiência, acarretando dificuldades no desenho de vagas, elevação da rotatividade e formação de barreiras atitudinais e físicas (Lima et al., 2021). Paralelamente, muitas famílias resistem em apoiar a entrada do filho no mercado de trabalho, tratando-o de forma infantilizada (Talarico et al., 2019), enquanto motivações pessoais, incluindo preferência pelo Benefício da Prestação Continuada, também desestimulam a inserção laboral (Neves-Silva et al., 2015).

Com as dificuldades para encontrar uma vaga de emprego, muitas vezes a PcD procura no empreendedorismo uma forma alternativa para obter os recursos de que necessita. Porém, sua trajetória no empreendedorismo não é menos difícil que aquela percorrida no emprego formal, pois que outras barreiras podem emergir durante a construção do seu empreendimento, como por exemplo, a falta de apoio familiar, o despreparo para desenvolver o empreendimento, a ausência de recursos financeiros, o capacitismo e a privação de ambientes e tecnologias adaptados (Torres et al., 2024).

Apesar das barreiras e das dificuldades enfrentadas pela PcD, a sua ação empreendedora tem um valor social que fica explícito no fortalecimento da sua autonomia e inclusão social (Ortiz-García & Olaz-Capitán, 2021). Empreendedores brasileiros com deficiência, como Ricardo Shimosakai, especialista em acessibilidade, e Andrea Schwarz, empreendedora social e consultora em inclusão, exemplificam empreendimentos de sucesso que geram reflexos sobre outros negócios e o coletivo da PcD. Portanto, o estudo do empreendedorismo da PcD pode ampliar a compreensão dos fatores que contribuem para a efetividade individual e social destes negócios facultando a formulação de diretrizes que possam orientar futuras iniciativas empreendedoras inclusivas, políticas públicas de fomento e programas de apoio especializados.

As pesquisas iniciais sobre o empreendedorismo da PcD evoluíram da pesquisa do trabalho autônomo para abranger aspectos como o desenvolvimento de competências empreendedoras, as estratégias adaptativas, o papel da educação no empreendedorismo e a influência de políticas públicas no estímulo ao empreendedorismo inclusivo (Sodhi & Dwivedi, 2024). Trabalhos recentes têm enfatizado que o empreendedorismo da PcD envolve uma interação complexa entre as competências pessoais, os sistemas de suporte externos e a motivação empreendedora (Nghah et al., 2024). Contudo, observa-se uma lacuna significativa na literatura quanto à compreensão detalhada de como esses elementos se articulam na prática para viabilizar a criação e gestão de empreendimentos bem-sucedidos de PcD.

Portanto, este trabalho tem por objetivo analisar como as competências pessoais, sistemas de suporte externos e motivação interagem para viabilizar o empreendedorismo da PcD. A metodologia de pesquisa foi o estudo de caso único com análise aprofundada do Bellatucci Café, primeiro negócio formalizado por uma empreendedora com Síndrome de Down no Brasil. A escolha deste caso deve-se ao seu caráter pioneiro e pelos resultados expressivos alcançados,

oferecendo oportunidade única de examinar os processos organizacionais e gerenciais que viabilizaram seu sucesso.

Esta investigação justifica-se pela necessidade de compreender os mecanismos específicos que possibilitam o sucesso do empreendedorismo da PcD, especialmente considerando que esses empreendimentos podem transcender objetivos econômicos individuais para se tornarem catalisadores de transformação social mais ampla. Além disto, o estudo pode revelar padrões organizacionais e estratégias de gestão que não apenas beneficiam o empreendedor com deficiência, mas também contribuem para a inclusão de outras pessoas com deficiência e a sensibilização da sociedade para a causa.

2. Fundamentação teórica

2.1. Empreendedorismo

O empreendedorismo é um fenômeno multifacetado, estudado extensivamente em vários campos cuja abordagem de investigação varia de acordo com “o quê” acontece no empreendedorismo (economia), “porque” ele acontece (psicologia/sociologia), e como ele acontece (administração) (Stevenson & Jarillo, 1990). O estudo do empreendedorismo foi profícuo no século XX, tendo por autores seminais Schumpeter e Drucker (Chakuzira; Okoche & Mkansi, 2024). Schumpeter estabeleceu as bases teóricas do empreendedorismo centrado no conceito da destruição criativa, caracterizando o empreendedor como agente central da mudança das estruturas econômicas obsoletas por meio da inovação. Por sua vez, Drucker e Maciariello (2014) sistematizaram o empreendedorismo como disciplina estabelecendo fundamentos para a gestão empreendedora.

Posteriormente, o empreendedorismo foi explicado pelos traços da personalidade, e mais tarde por teorias comportamentais que focaram no que o empreendedor faz, e não em quem ele é, o que estabeleceu as bases para os estudos processuais do empreendedorismo (Collins; Hanges & Locke, 2004). O processo empreendedor aborda a ação empreendedora, ou seja, “como os empreendedores são capazes de atingir seus objetivos e os efeitos de tais ações” (Stevenson & Jarillo, 1990, p. 19). Algumas teorias fundamentam os estudos neste sentido. A teoria do *effectuation* estipula que o sucesso no empreendimento vem de como os indivíduos pensam e trabalham, e não de quem eles são, de modo que sendo mais flexíveis e adaptativos, os empreendedores navegam melhor em ambientes de incerteza e risco (Sarasvath (2001). A teoria baseada em recursos vinculada ao empreendedorismo mostra como recursos únicos do empreendedor facilitam o reconhecimento de oportunidades e a criação de valor (Alvarez & Barney, 2001). As teorias da descoberta e da criação de oportunidades têm implicações sobre as ações empreendedoras em diferentes contextos (Alvarez & Barney, 2007). E, baseados nas oportunidades, Shane e Venkataraman (2000) propuseram que o empreendedorismo envolve a existência, descoberta e exploração de oportunidades, em que indivíduos e oportunidades se

influenciam reciprocamente, em um processo criativo, não apenas de empresas, mas também de outras formas de negócios.

Atualmente, as revisões sistemáticas de literatura mostram a trajetória teórica do empreendedorismo destacando seu caráter multidimensional, sua capacidade de gerar riquezas e expandir sistemas econômicos por meio da inovação, geração de renda e trabalho, sobretudo em regiões em desenvolvimento como a África (Ofosu-Appiah; Boahen & Agbenegan, 2025). Além disto, devido aos diferentes fatores, ele tem sido caracterizado em diferentes tipologias. Por exemplo, Ratten (2023) enumerou dezenove tipos de empreendedorismo, mas nos últimos cinco anos, a prevalência são estudos do empreendedorismo para pequenas empresas (Calabrò et al., 2022); empreendedorismo para empresas familiares (Capolupo et al., 2023); empreendedorismo digital (Paul et al., 2023); empreendedorismo sustentável e empreendedorismo social (Bonfanti et al., 2024).

O que se percebe é a ausência de uma definição única e abrangente de empreendedorismo, visto que seu domínio varia de acordo com o seu agente, objeto e motivações. Desta forma, considerando o contexto da pesquisa realizada neste artigo, partimos do entendimento de que o empreendedorismo é o processo de produção de algo novo e valioso, em que um agente empreendedor investe tempo e esforço, incorrendo em riscos financeiros, psicológicos e sociais para colher ganhos financeiros e pessoais, portanto, o empreendedor é a pessoa capaz de identificar oportunidades de negócio, adquirir recursos e expandir o empreendimento no atendimento de demandas (Chakuzira, Okoche & Mkansi, 2024). Neste contexto, são características pessoais do empreendedor, o comprometimento, a engenhosidade, novidade, autonomia, persistência, receptividade a novas ideias, aspiração por realização, praticidade, capacidade de lidar com incertezas, visão de futuro, disposição para enfrentar desafios, propensão à tomada de riscos e controle intrínseco (Chakuzira, 2019).

As características pessoais são determinantes da intenção, mas elas não são as únicas. A intenção empreendedora, compreendida como a convicção conscientemente declarada de que uma pessoa planeja abrir um novo negócio, é influenciada por fatores psicológicos como personalidade, extroversão, autoavaliação, *locus* de controle, características cognitivas e autoconfiança, mas também por fatores não psicológicos, tais como experiência, idade, posição social, cultura empreendedora, condições familiares, e situações de oportunidade e necessidade (Passarelli & Bongiorno, 2025).

Os valores familiares e os contextos culturais têm um papel relevante sobre o desenvolvimento de um estilo de vida empreendedor que condiciona o herdeiro a um estado de alerta para identificação de oportunidades empreendedoras (Khanin et al., 2022). Esse estilo de vida, normalmente origina-se dentro da tradição empreendedora da própria família. Quando o indivíduo vive imerso nos negócios familiares, a família normalmente o direciona para o planejamento sucessório e a preparação para cargos de liderança a fim de perpetuar a empresa ao longo de gerações alinhada aos valores familiares dos fundadores (Umans et al., 2021). O contexto cultural também influencia a intenção empreendedora. Países cuja cultura valoriza o espírito empreendedor, a organização de empresas familiares e a educação para o empreendedorismo, como ocorre nos Estados Unidos, tendem estimular a intenção

empreendedora e a formação de escolas para o ensino do empreendedorismo (Mykolenko et al., 2022).

Neste sentido, é importante que a educação para o empreendedorismo não se concentre apenas no desenvolvimento de habilidades técnicas e interpessoais, mas também no aprimoramento dos alunos que não têm experiência prévia com negócios próprios, deste modo, os programas devem ser flexíveis e se adequarem às necessidades dos alunos, além de focarem na formação do seu capital humano, cultural e social (Passarelli & Bongiorno, 2025). Com isto, a educação e os métodos de ensino empregados influenciam positivamente as atitudes e a intenção empreendedora, e por isto, a educação para o empreendedorismo deve ser divulgada, pois apesar de não ser uma característica genética, o empreendedorismo pode ser obtido por meio da educação e experiência (Becker & Huselid, 2006).

Digno de nota é que, embora, a educação para o empreendedorismo tenha sido estimulada como um meio de promover a intenção empreendedora, o desenvolvimento econômico e a inovação, existem argumentos contrários ao seu exercício. Entre eles, os críticos argumentam que o empreendedorismo envolve rupturas com as regras, normas e modelos empresariais usualmente adotados na academia, de modo que os programas, nem sempre, preparam adequadamente os estudantes para a realidade dos empreendimentos empresariais (Bathia & Levina, 2020), e que a educação empreendedora pode não se traduzir efetivamente em aumento da atividade empreendedora (Kiskis & Kiskiene, 2021).

2.2 Empreendedorismo da Pessoa com Deficiência

O estudo do empreendedorismo da PcD iniciou na segunda metade do século XX e aumentou consideravelmente a partir de 2013 refletindo sua importância social e econômica (Sodhi & Dwivedi, 2024). As primeiras pesquisas se concentraram no potencial do trabalho autônomo como uma alternativa ao emprego tradicional, dificultado por barreiras como discriminação e locais de trabalho inacessíveis. Com o tempo, a pesquisa se expandiu para incluir o desenvolvimento de competências empreendedoras, os desafios, as estratégias adaptativas e o papel da educação, do treinamento e das políticas públicas no estímulo ao empreendedorismo da PcD. Os trabalhos mais recentes enfatizam a intenção empreendedora, a ação empreendedora, o empreendedorismo social, o microempreendedorismo, a exclusão digital, a tecnologia assistiva, a interseccionalidade da deficiência com o gênero e outras identidades, destacando os desafios e as oportunidades de empoderamento.

Pessoas com deficiência geralmente enfrentam barreiras no emprego tradicional devido à discriminação e ao estigma social, o que pode motivá-las a encontrem no empreendedorismo uma alternativa de trabalho. Por meio do empreendedorismo, a PcD pode alcançar a sua independência econômica, autonomia, flexibilidade de horários, ambientes de trabalho adaptados às suas necessidades específicas, e além disto enfrentar um desafio pessoal, contribuir com algo, sobretudo com o grupo de PcDs, dando empregabilidade a elas ou inventando dispositivos auxiliares de reabilitação (Norstedt & Germundsson, 2021). O desejo de obter sucesso nos negócios e de “ganhar dinheiro” de forma mais rápida também foi apontado como um motivo para a intenção empreendedora (Balcazar et al., 2023).

O empreendedorismo da PcD envolve a interação entre competências pessoais, sistemas de suporte externos e a motivação para o empreendedorismo (Nghah et al. 2024). Dentre as competências pessoais, o locus de controle, a autoestima e a mentalidade de crescimento (Mindset) têm um grande efeito sobre a sua jornada empreendedora (Nghah et al. 2024). O *locus* de controle é definido como a crença de uma pessoa em sua capacidade de controlar os eventos de sua vida (Ng et al., 2006) enquanto a mentalidade para o crescimento é a crença de que os talentos individuais de uma pessoa podem ser desenvolvidos por meio da prática e influenciar pensamentos e comportamentos (Tao et al., 2022). Se a PcD tem mentalidade para o crescimento pessoal, autoestima e se sente no controle, ela perceberá mais facilmente as oportunidades empreendedoras e se sentirá motivada a iniciar a sua jornada no empreendedorismo (Nghah et al. 2024).

O sistema de suporte externo inclui diversos fatores que facilitam a ação empreendedora (Balcazar et al., 2023). Tihic et al. (2021) incluem no suporte externo os provedores de serviços para pequenas empresas, como por exemplo serviços de Internet que atendem pessoas com e sem deficiência, os amigos e familiares, o suporte de serviços específicos para PcD, como os centros de reabilitação e terapias, e os programas de órgãos governamentais ou da iniciativa privada que apoiam a PcD. Balcazar et al. (2023) acrescentam à essa lista financiamento, espaço, tecnologia, materiais e equipamentos, destacando os equipamentos adaptados, além de programas de ensino do empreendedorismo adaptado para a PcD. Por meio da educação empresarial para o empreendedorismo, a PcD se capacita com habilidades e conhecimentos empresariais necessários para seguir sua carreira (Torres et al., 2024).

Reaume (2014) estabelece, dentro da visão dos estudos críticos da deficiência, que os fatores externos podem criar locais de (in)justiça - *sites of (in)justice* - pois eles podem apresentar barreiras físicas e/ou sociais que dificultam ou impedem o acesso da PcD à educação, emprego, transporte e demais serviços públicos e/ou privados, os quais distanciam a PcD do exercício da sua cidadania pela ausência da acessibilidade universal. Torres et al. (2024) estudam as barreiras e desafios ao empreendedorismo da PcD entre os quais citamos: as barreiras de mobilidade; a falta de conhecimento, oportunidades, experiência, e recursos financeiros; características pessoais inadequadas ao empreendedorismo; educação inacessível; ambiente de trabalho inadequado; discriminação; indiferença; e dificuldade de estabelecer estratégias adaptativas. Além destas, a PcD pode enfrentar estigmas da deficiência e medo de perder benefícios caso se torne um empreendedor (Tihic et al., 2021).

Oportunidades e necessidades são motivadoras do empreendedorismo (Nghah et al. 2024). Uma PcD com capacidade de perceber uma oportunidade pode se sentir mais facilmente estimulada a iniciar a sua jornada empreendedora. Quanto mais autoeficácia a PcD possuir, maior será a sua capacidade de perceber oportunidades empreendedoras e aproveitá-las, ou seja, quanto mais ela crê na sua capacidade de mobilizar a sua motivação e seus recursos cognitivos, mais ela conseguirá acionar os cursos de ação necessários para atender às demandas situacionais favoráveis à iniciativa empreendedora (Tihic et al., 2021). Os autores acrescentam que as percepções de apoio e as barreiras percebidas no empreendedorismo podem estimular variações na autoeficácia da PcD, e, portanto, influenciar as suas decisões empreendedoras.

De um modo geral, não existem diferenças nas intenções empreendedoras entre alunos com e sem deficiência que passaram por programas de educação empreendedora (Muñoz et al., 2020), no entanto, esse processo educativo é importante para que PcD superem suas diferenças em relação à pessoa sem deficiência (Pérez-Macías & Fernández-Fernández, 2021). Além disso, a educação para o empreendedorismo e a inclusão melhoram a ação empreendedora dos estudantes com deficiência (Dakung et al., 2022).

Quando a PcD está inclinada ao empreendedorismo, o apoio da família e dos amigos auxilia na identificação das oportunidades, na superação das barreiras iniciais, e na resiliência para enfrentamento dos desafios da ação empreendedora (Junid et al., 2025). O apoio pode ser emocional, motivacional ou pelo incentivo moral e prático que se expressa por aconselhamento e mentoria, ou por ajuda nas decisões, como por exemplo no planejamento dos negócios, do marketing e da gestão financeira (Ibrahim et al., 2024). O conforto e apoio dentro do ambiente doméstico leva a PcD a ser resiliente e a acionar recursos que favorecem a adaptação ao modo de vida empreendedor (Ibrahim et al., 2024).

As estratégias adaptativas no empreendedorismo referem-se à capacidade de ajuste contínuo de recursos, processos e modelos de negócio em resposta às mudanças do ambiente competitivo e às incertezas do mercado. Essas estratégias, originalmente conhecidas por capacidades dinâmicas, estão fundamentadas no *networking* e esforços colaborativos com parceiros para gerar aprendizagem e transferência de conhecimento na prevenção de riscos e respostas às incertezas (Bitencourt et al., 2024). Os mecanismos adaptativos no empreendedorismo da PcD preveem a acessibilidade a recursos diversos (educação; tecnologia digital e assistiva; financiamento; exposição na mídia), estabelecimento de uma rede de suporte social (família; amigos; pares; grupos religiosos), desenvolvimento das motivações individuais (independência econômica; valor social pessoal; missão de ajudar o outro) e desenvolvimento das qualidades pessoais (espírito empreendedor; paciência; perseverança) (Hsieh & Molina, 2019).

3. Método de pesquisa

Esse trabalho tem por objetivo analisar como as competências pessoais, sistemas de suporte externos e motivação interagem para viabilizar o empreendedorismo da PcD por meio do estudo do caso da Bellatucci Café. A pesquisa possui uma abordagem exploratória-qualitativa, fundamentada no método do estudo de caso (Yin, 2015). O caso do Bellatucci Café foi escolhido porque a empresa foi criada por Jéssica Pereira, primeira empreendedora brasileira com Síndrome de Down, portanto ele permite testar as teorias do empreendedorismo no contexto da ação empreendedora de uma PcD. Este estudo de caso é descritivo porque se concentrou na investigação das narrativas das participantes sobre suas práticas na criação e gestão do empreendimento. Por outro lado, o estudo é interpretativo porque, além de descrever o fenômeno, os pesquisadores buscaram padrões nos dados a fim de entender as particularidades do empreendedorismo desenvolvido no caso em correlação com as proposições teóricas estudadas no referencial teórico.

A coleta de dados primários foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada pelo Google Meet, com duração de 1 hora e 13 minutos. As participantes da pesquisa foram a empreendedora – Jéssica - e sua mãe. As autorizações para as entrevistas foram obtidas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. Outras fontes documentais também auxiliaram a elaboração do caso: redes sociais da própria cafeteria ou redes sociais de jornais, podcasts, ou de influenciadores que pautaram o caso.

4. Resultado – Bellatucci Café

Jéssica Pereira é uma jovem empreendedora que, aos 32 anos, se tornou a primeira pessoa com Síndrome de Down a formalizar um negócio no Brasil: o Bellatucci Café. Desde a infância, ela demonstrou um grande interesse pela culinária, alimentando o sonho de ter seu próprio restaurante. Com o apoio da família, concluiu o ensino médio e participou de cursos para aprimorar suas habilidades na cozinha. Um desses cursos foi o de gastronomia do SENAC, onde não apenas aprendeu a cozinhar, mas também a atender os clientes. Foi durante essa formação que percebeu que desejava ter um restaurante, realizando o que realmente amava. Além disso, Jéssica participou de diversas experiências gastronômicas e chegou a trabalhar em uma farmácia, mas não se sentia satisfeita.

A jornada de Jéssica na culinária se intensificou quando começou a participar de programas de televisão, cozinhando ao lado de chefes renomados. Nessas experiências, ela percebeu que possuía habilidades para cozinhar de forma autônoma. Inspirada, decidiu que poderia não apenas cozinhar, mas também se tornar uma empresária de sucesso. Assim, surgiu a ideia: se ela estava cozinhando com celebridades, poderia também se tornar famosa ao abrir de fato o seu próprio restaurante.

Nenhum membro da família de Jéssica tinha experiência em empreendedorismo. Cada um seguia sua própria carreira. Seu futuro sócio, o cunhado de Jéssica, trabalhava em uma agência de design, enquanto sua irmã continuava a exercer a profissão de jornalista. O irmão de Jéssica, que atualmente a acompanha em eventos e cuida de sua agenda, também possuía sua própria ocupação. Mesmo assim, a motivação para ter um empreendimento próprio contagiou toda a família. Sua mãe, Ivânia, foi sua principal incentivadora, sugerindo a ideia de abrir uma cafeteria.

Quando Jéssica abraçou a ideia de abrir o Bellatucci Café, sua família não dispunha de capital inicial. Ela possuía uma poupança, resultado de uma reserva feita por seu pai. Sua irmã e seu cunhado, recém-casados, tinham economias que planejavam utilizar na compra de um apartamento, mas decidiram investir no sonho de Jéssica. Motivado pelo desejo de se tornar empreendedor, o cunhado fez um curso no Sebrae para aprender a gerenciar um negócio e aplicou seus conhecimentos na abertura da cafeteria.

Em 15 de julho de 2017, com o apoio da família e dos amigos, Jéssica finalmente abriu as portas do Bellatucci Café. O espaço foi cuidadosamente decorado para remeter a uma casinha de

boneca, com detalhes em tons de rosa e um ambiente acolhedor. Rapidamente, o café se tornou um ponto de referência na região de São Paulo, atraindo clientes que apreciam os deliciosos bolos de pote, brigadeiros, pães de mel e doces caseiros, todos preparados com muito amor e dedicação. Além disto, Jéssica está sempre inovando e criando receitas, de forma que são frequentes os lançamentos de produtos sazonais como combos temáticos em datas comemorativas, fortalecendo a atratividade e rotatividade do cardápio.

Ivânia informa que não houve propriamente um planejamento para a abertura e operação do negócio. Eles aprenderam fazendo conforme relatado na postagem no Instagram da cafeteria:

“Primeiro você começa. Depois você melhora”:

“De julho de 2017 pra hoje muita coisa mudou! Da casinha no Cambuci à esquina no Ipiranga! Temos muito ainda a melhorar! Mas, daquela família crua, que nunca tinha empreendido na vida, para a família que virou referência no empoderamento das pessoas com deficiência intelectual tem sido um caminho que muito nos orgulha.”

Atualmente, a empresa opera sem auxílio governamental e é um projeto com fins lucrativos, visando gerar fluxo de caixa para que cada membro da família receba de acordo com sua contribuição. A família está comprometida com o sucesso do empreendimento, e ele precisa efetivamente dar lucro para ser sustentável. Neste sentido, algumas parcerias de patrocínio da marca foram realizadas, como por exemplo, com a marca Paçoquita da empresa Santa Helena. Além disso, Jéssica destaca que para auxiliar a reduzir os custos com transporte, seu pai se tornou o seu motorista oficial. Ela, de forma carinhosa, comenta: “meu pai é meu Uber”.

No Bellatucci Café, Jéssica atende os clientes anotando pedidos e recepcionando a todos com sua simpatia e alegria contagiante. Sua mãe, Ivânia, cuida da cozinha, assegurando a qualidade e o sabor dos produtos. Ela abdicou de suas responsabilidades domésticas para se dedicar integralmente ao negócio da filha, acompanhando-a em eventos e auxiliando na cozinha. O cunhado gerencia a área administrativa, mantendo o controle financeiro e garantindo que tudo funcione perfeitamente. O irmão de Jéssica é responsável por sua agenda. Sua irmã gerencia a comunicação da cafeteria que tem no Instagram ([bellatuccicafe](#)) o seu principal instrumento de divulgação, apesar de estar presente em outras redes sociais como WhatsApp, Facebook e YouTube.

A cafeteria foi crescendo em torno da Jéssica e de sua capacidade de agregar e influenciar pessoas a apoiarem a causa da pessoa com deficiência. Desta forma, o Bellatucci Café foi sendo posicionado como um negócio de impacto social, liderado pela primeira empreendedora com síndrome de Down no Brasil. De um modo geral, a identidade da marca se estabeleceu em torno de três pilares: inclusão e empoderamento; acolhimento e afeto; e propósito social acima da lógica puramente comercial. Esse posicionamento diferencia a cafeteria no mercado e favorece a formação de comunidades de apoio, como um grupo de mães com filhos com deficiência que sempre participa dos eventos da cafeteria.

Desde o início, o Bellatucci Café está presente em eventos e ações relacionados prioritariamente, à inclusão, entre eles estão: eventos corporativos que associam as marcas

contratantes às iniciativas de diversidade, inclusão e responsabilidade social, como as ações com o SENAC, Febraban, Casa Hunter, Mastercard, Hermes, P&G e Hewlett Packard; campanhas em datas comemorativas como o Dia da Síndrome de Down, Dia da Mulher e outras datas com viés inclusivo; recebimento de visitas escolares e excursões em que o espaço é utilizado como aprendizado e inspiração para crianças e adolescentes; campanhas de mídia espontânea em que Jéssica faz palestras, participa de entrevistas, *podcasts*, reportagens, *lives*, colaborações com influenciadores e iniciativas de visibilidade social. Devem ser destacados os prêmios que a Jéssica já ganhou por sua ação empreendedora, como por exemplo, o Prêmio Mulheres Exponenciais da Esfera Brasil em 2023.

O perfil no Instagram funciona como um canal de sensibilização e engajamento comunitário, muito mais do que como simples vitrine de produtos. O foco está na história, na causa e na transformação social, o que fortalece o valor simbólico da marca e amplia seu potencial de impacto e fidelização. Os comentários e menções (*reels* com relatos de escolas, grupos etc.) indicam que o público se envolve não apenas pelo café, mas pela experiência comunitária e impactante de Jéssica. O *@bellatuccicafé* combina branding emocional, propósito inclusivo e ações de visibilidade, construindo uma marca forte com impacto societal evidente.

Os colaboradores do Bellatucci Café são pessoas com e sem deficiência, que trabalham juntas em um ambiente inclusivo e acolhedor. Jéssica treina seus colegas de trabalho, principalmente aqueles com deficiência, para que desenvolvam suas habilidades e se integrem ao mercado de trabalho. Durante o tempo em que estiveram na Bellatucci, alguns funcionários com deficiência descobriram novos talentos e vocações, optando por seguir outras carreiras após a experiência na cafeteria.

A Bellatucci Café é um espaço de inclusão, diversidade e realização pessoal. A história de Jéssica é um exemplo inspirador de superação, perseverança e amor pelo que faz. Ela continua a motivar outras pessoas a acreditarem em seus sonhos e a lutarem por seus objetivos, demonstrando que, com apoio e determinação, tudo é possível.

5. Discussão do caso

O caso ilustra o empreendedorismo de Jéssica Pereira, uma pessoa com deficiência, que reuniu em torno de si as condições necessárias à criação de um negócio de sucesso. Sua trajetória demonstra como as competências pessoais, sistemas de suporte externos e motivação para o empreendedorismo interagem dinamicamente para viabilizar a ação empreendedora (Nghah et al., 2024).

Sua trajetória, alimentando o sonho de ter um restaurante, até a concretização do Bellatucci Café, evidencia sua visão de futuro, persistência, comprometimento, engenhosidade, autonomia e disposição para enfrentar desafios, características do perfil empreendedor (Chakuzira, 2019). A autoestima e o *locus* de controle interno, identificados por Nghah et al. (2024) como fundamentais para a jornada empreendedora da PcD, ficam evidentes quando Jéssica percebe suas habilidades culinárias durante participações em programas televisivos e decide “se tornar

famosa ao abrir seu próprio negócio”. Além disto, a sua participação em cursos de gastronomia do SENAC e suas experiências de aprendizado com chefes demonstram sua busca contínua por aprimoramento, alinhando-se com a teoria que sugere que a PcD com mentalidade para crescimento (*mindset*) perceberão mais facilmente as oportunidades empreendedoras (Nghah et al. 2024).

O caso exemplifica também os sistemas de suporte externos, primeiro com a família dando suporte emocional e financeiro (Balcazar et al., 2023), e depois com amigos e apoiadores da causa participando e organizando eventos com a participação da cafeteria (Tihic et al., 2021), demonstrando o que Ibrahim et al. (2024) caracterizam como apoio prático que se expressa através de aconselhamento, mentoria e ajuda nas decisões empresariais.

O clima de conforto e apoio no ambiente doméstico se revela desde a infância da empreendedora (Ibrahim et al., 2024). Este clima favoreceu a sua educação, interações sociais, desinibição e enfrentamento das barreiras sociais o que é perceptível pelos relatos que informam que Jéssica cursou o ensino médio e pela observação do seu perfil no Instagram, onde estão disponíveis vários vídeos e fotos da empreendedora participando de eventos, concedendo entrevistas, interagindo com os funcionários e atendendo aos clientes. Este clima é um dos mecanismos adaptativos que concorre para a adaptação de Jéssica à vida adulta (Hsieh et al., 2019). Este apoio familiar auxiliou a empreendedora a descobrir a oportunidade de negócio, superar as barreiras iniciais e ter resiliência na ação empreendedora (Junid et al., 2025).

Os gestores do Bellatucci Café demonstram flexibilidade e adaptação estratégica à medida em que vão alterando suas fontes de recursos (financiamento próprio, empréstimos, capacitação para a gastronomia, formação de parcerias empresariais, exposição midiática em jornais, programas de TV e redes sociais), estabelecendo uma rede de suporte social robusta (família, clientes, empresários, influenciadores e artistas) e desenvolvendo suas qualidades pessoais empreendedoras (Hsieh et al., 2019). A formação de uma rede de suporte multifacetada ilustra um *networking* de apoio participativo que proporcionou não apenas recursos financeiros e educacionais, mas também legitimidade social ao empreendimento (Balcazar et al., 2023).

A ausência de experiência empreendedora na família, seria inicialmente uma barreira à iniciativa empreendedora de Jéssica, uma vez que ela não viveu em um contexto favorável ao desenvolvimento de um estilo de vida empreendedor que a condicionaria a um estado de alerta para o descobrimento de oportunidades empreendedoras (Khanin et al., 2022). Porém, essa barreira foi superada através da educação empreendedora de um apoiador que não tinha experiência prévia no empreendedorismo (curso do cunhado no Sebrae) (Passarelli & Bongiorno, 2025). Nota-se também que apesar de Jéssica não ter passado especificamente pela educação para o empreendedorismo, a sua capacitação gastronômica no SENAC confirma Becker e Huselid (2006) quando defendem que a educação para o empreendedorismo deve ir além do conhecimento técnico relacionado ao empreendedorismo para incluir outros tópicos que promovam a criatividade e comunicação.

As motivações de Jéssica alinham-se com os achados de Norstedt e Germundsson (2021) sobre os benefícios do empreendedorismo para PcDs: independência econômica, autonomia,

flexibilidade e contribuição social. O caso revela motivações intrínsecas profundas, como a realização pessoal através do 'amor pelo que faz', e extrínsecas, como o desejo de se tornar conhecida e bem-sucedida, conforme mencionado por Balcazar et al. (2023). Percebe-se que o apoio familiar, enquanto mecanismo adaptativo, pode ter contribuído positivamente com autoeficácia da Jéssica, de modo que ela tem fortes crenças na sua capacidade de mobilizar a própria família, obtendo o apoio irrestrito de todos eles, notadamente de sua mãe, e os demais recursos à sua disposição para atingir os seus objetivos pessoais (Tihic et al., 2021).

A identificação de oportunidades seguiu o processo descrito por Shane e Venkataraman (2000), onde indivíduos e oportunidades se influenciam reciprocamente. Jéssica não apenas descobriu uma oportunidade de mercado, mas também a criou através de suas habilidades únicas. Além disto, ela estabeleceu a diferenciação do seu negócio por meio da sua própria inclusão social – primeira empreendedora com Síndrome de Down do Brasil – e da defesa da causa da PcD, principalmente das pessoas com deficiências intelectuais, transformando sua deficiência em vantagem competitiva que atrai para a cafeteria muitos clientes com deficiência e parceiros que apoiam a causa.

Um exemplo dessa atração é o grupo das mães com filhos com deficiência que frequenta o Bellatucci Café. Essas mães não só utilizam o espaço como ponto de encontro e apoio mútuo, mas também participam ativamente na organização de eventos e atividades promovidos pela cafeteria. Esse envolvimento fortalece a comunidade das pessoas com deficiência e contribui para a consolidação do ambiente acolhedor que Jéssica idealizou, evidenciando a Bellatucci como um ponto central de atração e apoio para pessoas com deficiência e seus familiares.

A capacidade de ajuste contínuo, descrita por Bitencourt et al. (2024) dentro do conceito de capacidades dinâmicas, fica evidente na evolução do modelo de negócio, que passou de uma simples cafeteria para um espaço de inclusão social que treina outras pessoas com deficiência, criando um ambiente de trabalho inclusivo que se tornou parte fundamental da proposta de valor do empreendimento. Posteriormente, o negócio progrediu para o atendimento *in loco* nas empresas e organizações, principalmente naquelas que realizam eventos em que a causa da pessoa com deficiência é contemplada, conforme pode ser visto no perfil da cafeteria no Instagram.

O caso ilustra várias das barreiras no negócio da PcD incluindo falta de recursos financeiros iniciais, necessidade de educação especializada e estabelecimento de estratégias adaptativas (Torres et al., 2024). No entanto, Jéssica e sua família conseguiram transformar esses desafios em oportunidades através do desenvolvimento de competências, formação de parcerias estratégicas e criação de um modelo de negócio inovador que posiciona a inclusão como diferencial competitivo. A frase publicada em seu perfil — 'primeiro você começa, depois você melhora' — revela uma lógica de aprendizado empírico alinhada à abordagem *lean startup*, em que o aperfeiçoamento ocorre com base na prática e na adaptação contínua (Blank & Eckhardt, 2024).

O caso Bellatucci Café demonstra que o empreendedorismo da PcD pode transcender a mera alternativa ao emprego tradicional, o qual pode impor barreiras físicas e sociais à PcD no

ambiente de trabalho (Sodhi & Dwivedi, 2024), para se tornar um veículo de transformação social mais ampla. O modelo de negócio da cafeteria, que combina lucratividade com a defesa da inclusão PcD, sugere uma evolução conceitual em direção ao que poderia ser denominado de organizações híbridas que combinam a lógica de mercado orientada pela demanda com práticas de responsabilidade social (Bonfanti, et al., 2024), onde a PcD não apenas se beneficia do empreendedorismo, mas ativamente contribui para a inclusão de outras pessoas com deficiência. Ou seja, nessas empresas, as ações socioambientais e causas, não são eventos associados à marca para a construção da sua identidade, elas fazem parte da essência do negócio, como na Bellatucci, em que a Jéssica é uma PcD, seus funcionários são PcD, sua família e apoiadores são ativos no movimento em defesa da PcD, muitos dos seus clientes são PcD, e muitos de seus parceiros e patrocinadores também são ativistas da causa da PcD. A empresa obtém lucro e sustentabilidade por meio da venda de seus produtos, enquanto inclui PcD e promove a inclusão.

Além disto, o caso evidencia a importância do capital social familiar como recurso crítico, expandindo a teoria baseada em recursos (Alvarez & Barney, 2001) para incluir dimensões afetivas e relacionais específicas do contexto da deficiência como recurso de alto valor. O capital familiar consiste nas relações pessoais que criam valor por desenvolver conexões entre os familiares e a comunidade, formando redes de relacionamento, as quais são desenvolvidas e fortalecidas com o passar do tempo (Andrade et al., 2013). No caso da Bellatucci Café, a família deixou de ser configurada como um sistema de suporte externo para ser transformada em equipe empreendedora que juntamente com a Jéssica tem forte interação e parceria com a comunidade. Essa configuração merece maior investigação teórica para saber se este modelo é mais favorável ao empreendedorismo que outras configurações.

6. Conclusões

Esse trabalho tem por objetivo analisar como as competências pessoais, sistemas de suporte externos e motivação interagem para viabilizar o empreendedorismo da PcD por meio do estudo do caso da Bellatucci Café. Com base na análise do caso, mostramos que os empreendimentos de pessoas com deficiência são organizados e gerenciados através de uma arquitetura complexa que integra competências pessoais, sistemas de suporte externos robustos e motivações intrínsecas e extrínsecas. O caso revela que o sucesso empreendedor da PcD não depende apenas de características individuais, mas fundamentalmente da capacidade de mobilizar e articular recursos familiares, sociais e institucionais em uma rede de apoio multifacetada.

A organização deste empreendimento transcende o modelo tradicional de negócios, pois combina objetivos lucrativos com propósitos de transformação social. O Bellatucci Café exemplifica como a deficiência pode ser transformada em vantagem competitiva, criando diferenciação de mercado através do posicionamento focado na inclusão social. Com esta abordagem o empreendedorismo da PcD deixa de ser meramente uma alternativa ao emprego formal para se tornar um veículo de empoderamento coletivo.

O gerenciamento deste empreendimento revela estratégias adaptativas dinâmicas, onde a família assume papel central não apenas como sistema de suporte, mas como uma equipe empreendedora integrada. Esta configuração familiar-empresarial representa um modelo organizacional específico que merece investigação teórica mais aprofundada, especialmente considerando sua eficácia na superação de barreiras estruturais enfrentadas pela PcD.

A pesquisa evidencia que a educação para o empreendedorismo da PcD deve ser repensada para incluir não apenas competências técnicas e gerenciais, mas também o desenvolvimento de redes de suporte e capacidades relacionais. O caso demonstra que o 'aprender fazendo', combinado com apoio familiar incondicional e parcerias estratégicas, pode compensar a ausência de tradição empreendedora familiar.

A partir do estudo do Bellatucci Café concluímos que: primeiro, é possível existir um modelo de organização híbrida inclusiva, onde a inclusão da PcD constitui a essência do negócio, transcendendo as categorizações tradicionais de empreendedorismo social versus comercial; segundo, o capital social familiar no contexto da deficiência, demonstra que a família pode transformar-se em equipe empreendedora integrada, combinando recursos afetivos, relacionais e operacionais únicos que expandem a teoria baseada em recursos; terceiro, a teoria das capacidades dinâmicas pode se beneficiar com o estudo de mecanismos adaptativos específicos que combinam *networking* inclusivo e aprendizado empírico para geração simultânea de valor econômico e transformação social; e quarto, o empreendedorismo é de fato um catalisador da mudança social, pois o caso demonstrou que o empreendedorismo da PcD pode impulsionar a transformação social, criando um ecossistema de inclusão que beneficia a comunidade.

Como sugestão para os formuladores de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo da PcD, primeiramente sugerimos estimular programas de desenvolvimento do capital social familiar, reconhecendo que o sucesso empreendedor da PcD frequentemente depende da mobilização de redes de apoio familiares como equipes empreendedoras integradas. Segundo, as políticas de fomento devem contemplar linhas de financiamento específicas para empreendimentos híbridos inclusivos, que combinem objetivos lucrativos com propósitos de transformação social, reconhecendo que estes modelos organizacionais geram impactos econômicos e sociais diferenciados. Adicionalmente, podem ser dados incentivos fiscais para empresas que adotem modelos inclusivos autênticos.

Este caso possibilitou analisar a aplicabilidade das teorias do empreendedorismo ao contexto de um negócio criado e gerenciado por uma PcD, notadamente com Síndrome de Down, portanto a análise dos resultados da pesquisa se restringe a este contexto. Futuras pesquisas podem comparar múltiplos casos para identificar padrões e explorar variações organizacionais em diferentes contextos e tipos de deficiência. Adicionalmente, estudos longitudinais poderiam examinar a evolução de empreendimentos de PcD ao longo do tempo, identificando fatores críticos de sustentabilidade e crescimento.

Referências

- Alvarez, S. A., & Barney, J. B. (2007). Discovery and creation: Alternative theories of entrepreneurial action. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 1(1–2), 11–26.
- Alvarez, S. A., & Busenitz, L. W. (2001). The entrepreneurship of resource-based theory. *Journal of Management*, 27(6), 755–775.
- Andrade, D. M., Lima, J. B. D., Antonialli, L. M., & Leite Filho, G. A. (2013). Estudo dos fatores que determinam a formação do capital social familiar em empresas familiares na região sul de Minas Gerais. *Revista de Administração*, 48(3), 426–439.
- Balcazar, F. E., Murthy, S., Gibbons, T. M., Sefandonakis, A., Renko, M., Harris, S. P., & Caldwell, K. (2023). Supports and barriers that entrepreneurs with disabilities encounter when starting their businesses. *Rehabilitation Psychology*, 68(1), 91–101.
- Becker, B. E., & Huselid, M. A. (2006). Strategic human resources management: Where do we go from here? *Journal of Management*, 32(6), 898–925.
- Bhatia, A. K., & Levina, N. (2020). Diverse rationalities of entrepreneurship education: An epistemic stance perspective. *Academy of Management Learning & Education*, 19(3).
- Bitencourt, C., Müller Neto, H. F., & Zanandrea, G. (2024). (Re)visão das capacidades dinâmicas: Origens e desdobramentos futuros. *Revista de Administração de Empresas*, 64(4), e2023-0216.
- Blank, S., & Eckhardt, J. T. (2024). The lean startup as an actionable theory of entrepreneurship. *Journal of Management*, 50(8), 3012–3034.
- Bonfanti, A., De Crescenzo, V., Simeoni, F., & Loza Adai, C. R. (2024). Convergences and divergences in sustainable entrepreneurship and social entrepreneurship research: A systematic review and research agenda. *Journal of Business Research*, 170, 114336.
- Calabrò, A., Chrisman, J. J., & Kano, L. (2022). Family-owned multinational enterprises in the post-pandemic global economy. *Journal of International Business Studies*, 53(5), 920–935.
- Capolupo, P., Ardito, L., Messeni Petruzzelli, A., & De Massis, A. (2023). Opening up the black box of family entrepreneurship across generations: A systematic literature review. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship*, 41(7), 734–773.
- Chakuzira, W. (2018). *Using a Grounded Theory approach in developing a taxonomy of entrepreneurial ventures in South Africa: A case stud of the Limpopo Province* [Tese]. University of Venda.
- Chakuzira, W., Okoche, J. M. M., & Mkansi, M. (2024). Refining the definition and typologies of entrepreneurship in Africa: A systematic review. *Administrative Sciences*, 14(8), 184.
- Collins, C. J., Hanges, P. J., & Locke, E. A. (2004). The relationship of achievement motivation to entrepreneurial behavior: A meta-analysis. *Human Performance*, 17(1), 95–117.
- Dakung, R. J., Bell, R., Orobia, L. A., & Yatu, L. (2022). Entrepreneurship education and the moderating role of inclusion in the entrepreneurial action of disabled students. *The International Journal of Management Education*, 20(3), 100715.
- Drucker, P., & Maciariello, J. (2014). *Innovation and entrepreneurship* (1º ed). Routledge.

- García, P. O., & Capitán, Á. J. O. (2021). Entrepreneurship for People With Disabilities: From skills to social value. *Frontiers in Psychology, 12*, 699833.
- Hsieh, Y.-C., Molina, V. M. J., & Weng, J. (2019). The road to entrepreneurship with impairments: A challenges-adaptive mechanisms-results model for disabled entrepreneurs. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship, 37*(8), 761–779.
- Ibrahim, F., Lubis, D. P., Muljono, P., & Sadono, D. (2024). The role of technology use, family support, and self-motivation in the business success of persons with disabilities amid the challenge of limited external support. *Edelweiss Applied Science and Technology, 8*(6), 296–312.
- Junid, J., Ngah, R., Kadir, M. A. B. A., Abdullah, H., & Hashim, N. M. (2025). Entrepreneurial orientation, social supports, and resiliency of Persons with Disabilities in Malaysia. *New Challenges of the Global Economy for Business Management, Springer Proceedings in Business and Economics*.
- Khanin, D., Rosenfield, R., Mahto, R. V., & Singhal, C. (2022). Barriers to entrepreneurship: Opportunity recognition vs. opportunity pursuit. *Review of Managerial Science, 16*(4), 1147–1167.
- Kiskis, M., & Kiskiene, A. (2021). Entrepreneurship education—A hidden contributor to the decline in entrepreneurship? *International Journal of Entrepreneurship, 25*(5).
- Lima, M. M., Avelar, K. E., Seixas Filho, J. T. D., & Dusek, P. M. (2021). Um panorama do mercado de trabalho da pessoa com deficiência visual na cidade do Rio de Janeiro. *Interações, 22*(1), 211–223.
- López Torres, H. D., Pérez Cano, A. P., & García Pineda, V. (2024). Identification of factors that influence the entrepreneurial intention of people with disabilities: A systematic literature review. *Sociología y Tecnociencia, 14*(1), 15–42.
- Muñoz, R. M., Salinero, Y., & Fernández, M. V. (2020). Sustainability, entrepreneurship, and disability: A new challenge for universities. *Sustainability, 12*(6), 2494.
- Mykolenko, O., Ippolitova, I., Doroshenko, H., & Strapchuk, S. (2022). The impact of entrepreneurship education and cultural context on entrepreneurial intentions of Ukrainian students: The mediating role of attitudes and perceived control. *Higher Education, Skills and Work-Based Learning, 12*(3), 519–536.
- Neves-Silva, P., Prais, F. G., & Silveira, A. M. (2015). Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho em Belo Horizonte, Brasil: Cenário e perspectiva. *Ciência & Saúde Coletiva, 20*(8), 2549–2558.
- Ng, T. W. H., Sorensen, K. L., & Eby, L. T. (2006). Locus of control at work: A meta-analysis. *Journal of Organizational Behavior, 27*(8), 1057–1087.
- Ngah, R., Junid, J., Kadir, M. A. B. A., Abdullah, H., & Hashim, N. M. (2024). Factors influencing persons with disabilities perception in entrepreneurship: The mediating effect of entrepreneurial motivation. *Journal of Infrastructure, Policy and Development, 8*(10),
- Norstedt, M., & Germundsson, P. (2023). Motives for entrepreneurship and establishing one's own business among people with disabilities: Findings from a scoping review. *Disability & Society, 38*(2), 247–266.

- Ofosu-Appiah, S., Boahen, P. A. N., & Agbenyegah, A. T. (2025). Socio-ecological barriers to youth entrepreneurship in sub-Saharan Africa: A systematic review of empirical evidence. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 14(32).
- Passarelli, M., & Bongiorno, G. (2025). Is it the time to reshape entrepreneurship education? State-of-the-art and further perspectives. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 21(61).
- Paul, J., Alhassan, I., Binsaif, N., & Singh, P. (2023). Digital entrepreneurship research: A systematic review. *Journal of Business Research*, 156, 113507.
- Pérez-Macías, N., & Fernández-Fernández, J.-L. (2022). Personal and contextual factors influencing the entrepreneurial intentions of people with disabilities in Spain. *Disability & Society*, 37(7), 1216–1238.
- Ratten, V. (2023). Entrepreneurship: Definitions, opportunities, challenges, and future directions. *Global Business and Organizational Excellence*, 42(5), 79–90.
- Reaume, G. (2014). Medicine, health and the arts: Approaches to the medical humanities. *Canadian Medical Association or Its Licensors*, 186(16), 1248–1249.
- Sarasvathy, S. D. (2001). Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, 26(2), 243–263.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217. <https://doi.org/10.2307/259271>
- Sodhi, S., & Dwivedi, A. K. (2024). Differently abled entrepreneurs: A systematic literature review on fifty ears of research—Exploring thoughts and debate with reference to entrepreneurship. *The Journal of Entrepreneurship*, 33(1), 183–220.
- Stevenson, H. H., & work(s);, J. C. J. R. (1990). A Paradigm of entrepreneurship: Entrepreneurial management. *Strategic Management Journal*, 11(Corporate Entrepreneurship), 17–27.
- Talarico, M. V. T. D. S., Pereira, A. C. D. S., & Goyos, A. C. D. N. (2019). A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: Uma revisão bibliográfica. *Revista Educação Especial*, 32, 1–19.
- Tao, W., Zhao, D., Yue, H., Horton, I., Tian, X., Xu, Z., & Sun, H.-J. (2022). The influence of growth mindset on the mental health and life events of college students. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.821206>
- Tihic, M., Hadzic, M., & McKelvie, A. (2021). Social support and its effects on self-efficacy among entrepreneurs with disabilities. *Journal of Business Venturing Insights*, 16, e00279.
- Umans, I., Lybaert, N., Steijvers, T., & Voordeckers, W. (2021). The influence of transgenerational succession intentions on the succession planning process: The moderating role of high-quality relationships. *Journal of Family Business Strategy*, 12(2), 100269.